

Sobre o livro *Um Mundo Dividido: a estrutura social dos índios Apinayé*, de Roberto DaMatta. Petrópolis: Vozes, 1976. (Coleção Antropologia, n° 10).

Resenha publicada com o título "Os Apinayé revisitados depois de Nimuendajú" no *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 07-11-76, caderno "Livro", p. 2.

[Página inicial](#)

[Lista das Resenhas](#)

Os Apinayé são uma tribo Timbíra. E quem fala em Timbíra obrigatoriamente tem de se referir a Curt Nimuendajú, que escreveu dois livros a respeito deles: um sobre os próprios Apinayé e outro sobre os Ramkokamekrá, uma das tribos a que se dá o nome de Canelas. Nimuendajú (este foi o nome que recebeu dos Guaraní) nasceu na Alemanha, mas dedicou toda a sua vida, e de um modo intensivo, ao estudo dos indígenas brasileiros. Não tinha formação acadêmica e sua orientação provinha sobretudo da correspondência que mantinha com o antropólogo norte-americano Robert Lowie. Nimuendajú deve ter sido o antropólogo que maior tempo de pesquisa de campo dedicou aos índios. Sua obra é extensa e séria, e a ela os modernos pesquisadores tributam a maior admiração e respeito.

Sem negar o inestimável valor de suas pesquisas, é preciso reconhecer que hoje o trabalho de Nimuendajú deixa algo a desejar. Em primeiro lugar, porque sua orientação teórica se define em termos negativos: evitou fazer a história conjectural dos antigos evolucionistas e difusionistas, mas não pôs no seu lugar um outro tipo de interpretação, limitando-se a uma cuidadosa e detalhada descrição etnográfica. Em segundo lugar, apesar de todo o seu cuidado, há incorreções nessa etnografia.

Sem dúvida, foi a insatisfação com a descrição de Curt Nimuendajú um dos motivos que levaram Roberto da Matta a empreender uma nova pesquisa entre os Apinayé, no extremo norte do Estado de Goiás. E, como resultado, Matta nos apresenta um valioso livro, de agradável leitura, apesar de versar sobre um tema considerado difícil e árido: a estrutura social. E são grandes as suas contribuições.

Por exemplo, mostra que não existem os quatro grupos exogâmicos que Nimuendajú tinha admitido na sua descrição e nem a sua regra de descendência paralela, tão estranha, e que muita discussão provocou entre os etnólogos.

A par disso, esclarece a maneira como os Apinayé transmitem seus nomes pessoais, que não havia sido bem compreendida por Nimuendajú.

E também modifica a idéia de sociedade-relógio, em que tudo está rigidamente determinado, que Nimuendajú nos transmitiu. involuntariamente, talvez por se ter apoiado em uns poucos informantes que lhe ofereceram uma imagem idealizada da sociedade. Matta, pelo contrário, nos mostra como os Apinayé manipulam as regras sociais, estimulados até pela própria natureza da estrutura social, que liga cada indivíduo a uma série de grupos, levando-o a contínuas escolhas, segundo cada situação em que se envolva.

Um dos méritos de Matta está em não se entregar à solução fácil de atribuir à desorganização provocada pelo contacto interétnico certos problemas da estrutura social que resistem às primeiras tentativas de explicação. Assim, a surpreendente inexistência de termos bem definidos para primos cruzados não é posta na conta das modificações sofridas no contacto com o branco; Matta demonstra que essa característica é coerente com a maneira pela qual se transmitem os nomes pessoais, que por sua vez se relaciona com a distinção entre área doméstica e área pública.

Os Apinayé, tanto no que concerne a sua estrutura social quanto à localização geográfica, se situam entre os Kayapó e os demais Timbira. Matta disso se vale para, em todas as oportunidades, comparar seus resultados entre os Apinayé (Timbira Ocidentais) com os obtidos por outros pesquisadores entre os Timbira Orientais (Ramkokamekrá, Krikatí, Krahó) e os Kayapó. Essa comparação não só ilumina certos pontos da estrutura Apinayé, como, reciprocamente, esta serve para esclarecer elementos das outras sociedades Jê. Matta inicia assim a etapa final do projeto de comparação entre as tribos do Brasil Central (no qual está incluída sua pesquisa Apinayé), patrocinado pela Universidade de Harvard e pelo Museu Nacional. Aliás, este, como outros projetos comparativos desenvolvidos no Brasil, efetuou-se satisfatoriamente no que tange às pesquisas individuais, mas teve descuidada a sua etapa comparativa.

Essa comparação se fundamenta no fato de que os Jê do Norte (Timbira, Kayapó) dispõem de um mesmo repertório de elementos culturais que se combinam de diferentes maneiras, como que transformações a partir de um mesmo modelo. Mas nos fica uma pergunta. Essas tribos têm, provavelmente, uma mesma origem. As referidas transformações, portanto, não são puramente lógicas, mas fazem parte de uma história. Como recuperar essa história?

Julio Cezar Melatti

[Página inicial](#)

[Lista das Resenhas](#)